

# Prefácio

Fernanda Verdasca Botton

Professora de Comunicação Empresarial da Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC-SP), doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

“Viver é muito perigoso”, a frase de Guimarães Rosa me ajuda a iniciar este prefácio, pois é ela que me vem à mente sempre que algo de miudamente extraordinário ocorre em meu cotidiano... Além disso, porque ela ecoa nas palavras utilizadas por Cleonice Men da Silva Ramos para iniciar este livro: “Viver não é mesmo genial?”.

Esse perigo do viver e esse genial do viver diferem nos autores, mas essas frases conversam e, mais que isso, travam um diálogo em minha mente, uma vez que nossa autora vai “até o rabo da palavra” (outra vez Guimarães) para realizar seus atos de coragem.

A narrativa montada por Cleonice Ramos é corajosa porque a autora realiza o que muitas vezes outros viventes não conseguem: colocar no papel signos que relatam histórias reais de sua vida cotidiana (o famoso *isso dava um livro* que por várias vezes ouvimos dizer). Utilizo a denominação signos, pois a palavra é o

princípio, mas a ela acrescentaram-se imagens, também de Ramos, que sublinham a situação contada.

A vida cotidiana aqui trazida é a de uma secretária e se essa denominação e carreira parecem estranhas aos leitores mais modernos, já que as secretárias estão sendo substituídas em muitas empresas pelos gerentes menos experientes, alguns comportamentos no mundo empresarial ainda nos soam cotidianos: o chefe que sempre vocifera “é preciso vender, bater metas”, os documentos que trazem ambiguidade na digitação, a copeira que decide “*guspir*” (no dito dessa) no café do “presidente gritalhão”, o diretor sovina que repassa os presentes ganhos, as secretárias que mudam de humor “dependendo da fase da lua ou conforme as regras” ou os relacionamentos amorosos e sexuais (e até de assédios) no ambiente de trabalho... Isso mesmo, todos os *staffs* habitam as memórias desta ex-secretária, que, na verdade, mais que secretária é um ser humano dentro de uma empresa. E, em cada história relatada, a autora traz à tona eventos a evidenciar que os tempos passados nos trazem situações, tragicômicas ou sérias, ainda presentes no mundo empresarial.

Importante revelar que o livro oscila entre o riso e o sentimentalismo, trabalhando sempre, no campo da linguagem, com o diálogo constante com o leitor. Essas aproximações são realizadas por perguntas a um leitor “incluso”, por segredos a ele contados ou por

esclarecimentos do que seriam alguns maquinários do passado, como o fax ou o telex, explicando-os de forma gostosamente divertida.

Por fim, resta dizer aqui que o livro tem também seus toques de poesia, frases que se justificam pelo próprio desejo em que foi concebido: “venha sim tempestade, venham sim as lembranças, as tantas palavras, me encharquem e, em seguida, me esvaziem por completo!”

Que as páginas de memórias desta autora, ex-secretária, sobretudo ser humano que observa o mundo empresarial e corajosamente o retrata, possam lhe encharcar, leitor.